

RESENHA

REPENSANDO O SENTIMENTO

DA VERGONHA: CONTRIBUIÇÕES PSICOSSOCIOLÓGICAS

*Izayana Pereira Feitosa** *Giovani Amado Rivera***
*Aurora Andrade Camboim**** *Miriane da Silva Santos*****

GAULEJAC, V. *As origens da vergonha*. São Paulo: Via Lettera, 2006.

O presente texto analisa criticamente a obra *As origens da vergonha* de Vincent de Gaulejac (2006). Para este autor, pouco se tem discutido sobre este tema, uma vez que implica numa exposição das falhas e limitações daquele que escreve bem como uma identificação por parte daquele que lê. Neste sentido, entende-se que a vergonha é percebida como um sentimento que causa dor e, na maioria das vezes, as pessoas preferem não falar sobre ele. Tem relação direta com inúmeros outros elementos, tais como: inferioridade, culpa, autoestima, desprezo e humilhação.

Gaulejac (2006) fundamenta a sua argumentação nos pressupostos da teoria psicanalítica, mais especificamente nos mecanismos de defesa do ego, narcisismo e Complexo de Édipo, e nas análises dos vínculos sociais. Dessa forma, trata-se de uma obra de cunho psicossociológico semelhante às proposições de Enriquez (2005), já que a vergonha representa um sofrimento social e psíquico.

Essa obra é estruturada em vinte e dois capítulos em que são abordados estudos de casos sobre as mais diversas facetas do tema da vergonha. Em toda a obra, discute-se os efeitos subjetivos de elementos como pobreza, fracasso escolar, miséria afetiva, desqualificação social e as implicações no que diz respeito à construção de uma imagem negativa do Eu e a formação

*Doutoranda em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba, Mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba. Professora da Universidade Federal de Campina Grande (Centro de Educação e Saúde) e Pesquisadora do Núcleo de Pesquisa em Desenvolvimento Sócio-Moral da UFPB. Endereço: Universidade Federal de Campina Grande. Olha d'Água da Bica - Cuite, PB – Brasil. CEP: 58175-000.

E-mail: izayanafeitosa@gmail.com

**Mestre em Psicologia Social pela Universidade federal da Paraíba. Professor da Faculdade de Ciências Médicas da Paraíba (FCM-PB), Faculdades Integradas de Patos (FIP) e ENSINE Faculdades. Membro do Comitê de Ética na Pesquisa e membro dos colegiados de enfermagem e nutrição. Endereço: Faculdade de Ciências Médicas da Paraíba. Praça Dom Ulrico, 56 Centro - Joao Pessoa, PB – Brasil. CEP: 58010-740.

E-mail: giovani.amado@uol.com

***Doutoranda pela Universidade Federal da Paraíba e Mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba. Endereço: Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Humanas Letras e Artes - Campus I. Cidade Universitária- Joao Pessoa, PB – Brasil. CEP: 58051-900.

E-mail: auroraclal@gmail.com

****Doutoranda pela Universidade Federal da Paraíba; Mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba. Endereço: Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Humanas Letras e Artes - Campus I. Cidade Universitária- Joao Pessoa, PB – Brasil. CEP: 58051-900.

E-mail: mirianesantos@hotmail.com

do sentimento de revolta. Este autor afirma ser impossível manter “uma boa imagem de si” quando as adversidades do meio social são traduzidas na forma da pobreza, humilhação e ausência de recursos.

As justificativas para realizar o estudo sobre as origens da vergonha são pautadas em múltiplas racionalizações, dentre elas podemos citar: as motivações de caráter científico para o esclarecimento de um fenômeno pouco estudado, a intenção terapêutica que se presta ao auxílio daqueles que sofrem, os interesses de ordem ideológica e política, a necessidade de verificar a aplicabilidade e adequação de uma abordagem clínica em sociologia. No entanto, o autor também considera a influência de fatores outros que denotam interesse de caráter inconsciente, razões profundas que favorecem a escolha de um tema envolto por receio e pouco interesse dentro do meio científico. Ao se submeter a um processo psicanalítico, Gaulejac (2006, p. 31) deparou-se com a uma necessidade de conhecer de forma mais sistemática os processos de “valorização e anulação que atravessam continuamente as relações sociais, assim como a importância da origem social nos sentimentos de superioridade e inferioridade”. O processo analítico forneceu subsídios de grande valia para que esse autor compreendesse o fundamento arcaico das feridas narcísicas, e, conseqüentemente, as implicações das exigências do Ideal de Eu e do projeto parental desde o início da infância.

Gaulejac (2006, p. 43) considera que “as relações sociais são relações de dominação em que os aspectos simbólicos são tão determinantes quanto os econômicos” no que concerne à origem do sentimento da vergonha. Tais relações não são restritas somente às experiências parentais, mas também estão relacionadas com as vivências com pares de iguais, padrões, objetos de desejo, parceiros, ou seja, as mais diversas formas de relacionamento que se fundamentam em subordinação e dominação.

As investigações de Gaulejac (2006) o fizeram concluir que o fato de permitir que as pessoas expressem sua vergonha possibilita “libertar uma fala”. Esta fala só é acessível a partir da verbalização; para tanto, usou-se uma técnica semelhante à associação livre da abordagem psicanalítica, (contudo as interpretações foram feitas à luz da sociologia) para apreender aspectos latentes/inconscientes que têm grande repercussão na vida e no comportamento das pessoas. Esse autor organizou uma série de seminários de implicação e de pesquisa em que os participantes do estudo tinham oportunidade de falar sobre eles mesmos nas mais diversas situações. Assim sendo, os discursos eram analisados buscando-se delimitar o que podia ter relação com o sentimento da vergonha. O objetivo da pesquisa era explicitado e as pessoas estruturavam as suas falas em torno do objeto em análise.

O estudo das origens da vergonha, na obra em análise, compreende seis etapas. A primeira delas expõe quatro relatos de vidas “habitadas” pela vergonha. Nesta etapa, são descritos os diferentes aspectos do que o autor chama de “meta-sentimento, um conjunto complexo de afetos, emoções, fantasias, reações e experiências que se amalgamam” (GAULEJAC, 2006, p. 59). Na segunda etapa, esse autor se detém às violências humilhantes, isto é, refere-se à pobreza, instrumentalização, mendicância, assistência e maus tratos. Dessa forma, o autor entende que estes aspectos “alteram a identidade e a relação do indivíduo com a

sua comunidade” (GAULEJAC, 2006, p. 60). Neste sentido, o sentimento da vergonha é visto como estruturante do vínculo social. A terceira etapa compreende a análise da história de vida de importantes autores - Freud, Sartre e Camus sobre os seus postulados teóricos. Em relação à quarta etapa, há a análise dos diferentes graus da vergonha; “como ela se imiscui na psique por camadas sucessivas para constituir um nó sociopsíquico” (GAULEJAC, 2006, p. 66) e interroga a parte respectiva dos fatores psíquicos e sociais em sua gênese e seu desenvolvimento. A quinta etapa diz respeito às descrições das reações defensivas e seus efeitos paradoxais; o autor discute como a ambição pode tornar-se uma espécie de contra-veneno, como orgulho, o alcoolismo e o segredo se apresentam como estratégias de defesa contra as angústias provenientes da vergonha. Por fim, a sexta etapa é dedicada às reações diante da vergonha na relação de ajuda, terapia e pesquisa.

Neste sentido, é entendido que “a segurança é ao mesmo tempo um conforto material, um trabalho reconhecido, uma perspectiva de promoção e a imagem de um quadro familiar no qual podem se estabelecer relações estáveis e calorosas” (GAULEJAC, 2006, p.70). A elaboração do sentimento da vergonha é efetuada ao mesmo tempo sobre o plano material, psicológico e da tomada de consciência social e política, isto é, trata-se de desmistificar aquilo que é da ordem do próprio sujeito daquilo que é de origem social.

Freud defendeu com avidez a primazia da sexualidade na etiologia das neuroses e no desenvolvimento psicológico das pessoas. A discussão da importância do papel do inconsciente e da sexualidade já havia sido discutido por Gaulejac (1987) na obra *La névrose de classe*, nela é importante a compreensão dos fatores psicossociais e dos psicossociais na gênese do sentimento de vergonha. Para tanto, é fundamental compreender o papel da vergonha na vida de Freud, os documentos existentes que contam sobre sua vida são numerosos e não se pode pensar numa teoria psicanalítica sem que essas experiências com a vergonha sejam compreendidas. Para esse autor, a reticência de Freud em recordar esses momentos de sua vida pode ser interpretada como indicadora de um embaraço e de seu desejo de esquecer momentos especialmente difíceis.

Como se já não bastasse a vergonha de sua pobreza, havia ainda o sentimento antissemita que existia na Áustria em fins do século XIX, que evoca explicitamente a questão da vergonha a respeito do antissemitismo. Freud resolve este conflito na realidade com seu sucesso individual e com o reconhecimento social do qual será boa vítima. Mas não chega a analisar esses fundamentos. O sexual vem mascarar o social. O essencial para Freud está do lado da sublimação que encontra seu motor na pulsão sexual.

Além disso, Freud é descrito como arrogante, imperioso, ciumento, em especial frente a rivais socialmente mais abastados. O seu desejo de potência pode ser interpretado como mecanismo de defesa e libertação contra as humilhações vividas na juventude, das quais o antissemitismo é um dos aspectos e a pobreza, outro. Nesse momento há um ponto cego na teoria psicanalítica: a vergonha e a ambição são produtos de fatores psicossociais e psicossociais que se combinam, se reforçam ou se compensam. A análise do sentimento de vergonha exige uma postura multipolar para englobar os diversos aspectos, desde os que englobam os primeiros momentos

da infância onde a criança conhece a vergonha pessoalmente quando de seu desenvolvimento psicosssexual. Assim, para Freud, há um encadeamento entre a humilhação sentida pela criança quando transgride as normas e é repreendido pelo pai. A repressão de seus desejos edipianos, a humilhação evocada pelo pai frente a um cristão, a vergonha de Freud ao ver a passividade paterna. É através desse conjunto conflituoso de sentimentos que surge o “Complexo de Aníbal”.

Com relação a Sartre, de início Gaulejac (2006) explica que a vergonha daquele filósofo está situada no seu problema de estrabismo e discorre sobre a sua infância ligando-a a situações e vivências que podem ser o núcleo de onde vieram suas primeiras experiências com a vergonha. É importante ressaltar que a experiência precoce com a vergonha e o sofrimento marcaram Sartre para sempre. A vergonha está no cerne do encontro entre um sujeito que se afirma como tal e a sociedade que sanciona as tentativas megalomaniacas, a transgressão das normas e das condutas abjetas. Para ele a vergonha é um sentimento que faz termos vontade de desaparecer, e diante deste vazio, da negação de si, surge então a identidade. Pelo uso desta inversão, a humilhação para Sartre se torna humildade, a vergonha passa a ser orgulho.

A vergonha, em sua complexidade, é um sentimento trespassado por esta contradição. A vergonha é também um sentimento de queda original, não por ter cometido um erro, mas simplesmente por ter caído no mundo. A vergonha que também defronta o indivíduo ao olhar do outro, leva-o, à necessidade de nascer para si mesmo. Para Sartre, esta mesma vergonha não é nem consequência do pecado original, nem sucedâneo da culpa, nem sentimento ligado a repulsa das coisas sexuais e dessas partes que se tornam vergonhosas. A complexidade do sentimento da vergonha reside no equilíbrio de dois polos que são antagônicos e complementares. A vergonha separa o eu em duas partes, uma que é objeto de vergonha e rejeição e outra que causa vergonha e rejeita. Uma de ignomínia e outra de socialização, já que permite ao indivíduo afirmar o laço com os valores e normas de sua comunidade social. A vergonha nos socializa, obriga-nos a nos posicionar como sujeitos, em meio aos outros.

Camus, juntamente com Sartre, influenciou os intelectuais de sua época, no pós-guerra. Em Camus, a vergonha está ligada às condições de existência de sua família diante da miséria. O olhar do outro se inscreve em primeiro lugar nas relações sociais de dominação entre ricos e pobres, conhecedores e ignorantes, gente instruída e os outros. A vergonha na vida de Camus se torna conhecida por ele quando sai do universo do seu bairro para frequentar a escola secundária, onde então é apresentado a outros contatos sociais. Ela desperta valores essenciais sobre os quais se baseia a família de Camus, com relação ao valor do trabalho, a solidariedade, dignidade, orgulho pelo esforço realizado, franqueza sobre questões financeiras. Esse será o grande laço que unirá a Camus aos seus. Porém na falta de respeito pelo trabalho e a solidariedade se configura aqui o rompimento com sua comunidade e é nesse instante que ele é perturbado pela vergonha. A vergonha surge na tomada de consciência da situação social de sua família, onde surge um

sujeito sócio-histórico. A experiência de Camus com a vergonha, como no episódio com sua avó, o fez sentir a náusea, que gerada pela violência da pobreza. A vergonha em Sartre está muito mais para a náusea a respeito do desgosto da vida.

Para Freud, a vergonha é um dos diques da sexualidade, que se enraíza no inconsciente. Para Camus, está associada à condição econômica que produzem a humilhação e a estigmatização dos mais fracos. É o mecanismo que leva à revolta contra as diversas formas de dominação e à emergência do sujeito sócio-histórico. Mesmo com a contribuição desses autores, para Gaulejac (2006), a vergonha não se instala de uma só vez no cerne do funcionamento psíquico. Por isso mesmo, que não se pode estabelecer uma correlação direta entre o confronto com a violência e a internalização do sentimento de vergonha. São etapas vencidas de forma sucessiva e as reações a estas etapas vão favorecer ou dificultar o processo de internalização. Para o autor, existe um processo a ser cumprido e que é efetuado progressivamente, são cinco estágios importantes no processo de reconhecimento da vergonha, são eles: o estágio do espelho onde é a entrada no mundo pela mão do narcisismo, o estágio edípiano ou o confronto com a ordem, o estágio das comparações e as descobertas do mundo social, o estágio da adolescência e a entrada na vida social para os jovens adultos. Esses são os estágios que fazem parte do desenvolvimento da pessoa e que estão intimamente ligados à vergonha. Essa divisão em cinco patamares, embora permita identificar os principais elementos ativos na produção do sentimento de vergonha é, certamente, esquemática e, sem dúvida linear demais. No funcionamento psíquico, a temporalidade obedece menos às regras cronológicas. Cada estágio é constantemente retrabalhado pelos outros numa dinâmica que torna vã a construção de modelos teóricos imóveis ou estáticos.

Segundo o autor, as reações defensivas ajudam a conviver com a vergonha e não a se livrar dela. A vergonha provoca reações que são produtoras de vergonha. Os mecanismos de libertação exigem um trabalho em profundidade do sujeito sobre si mesmo: trabalho psíquico para sair da inibição e redinamizar sua potencialidade criativa. A vergonha é necessária porque indica aos homens os limites. A libertação radical do sentimento de vergonha é socialmente perigosa, já que rompe um elemento constitutivo do laço social. Quando a vergonha gruda na pele é vital livrar-se dela para sair da inibição que envenena de dentro o funcionamento psíquico e altera a capacidade relacional.

Importante notar que as histórias da vergonha desorganizam a vida em seus diferentes registros, pessoal e familiar, psíquico e social, emocional e relacional. A vergonha precisa ser domesticada para poder ser dita, numa relação em que a atenção com o outro e a compreensão acompanham o sujeito numa aceitação de suas origens e numa reconquista de si.

Para o autor, a vergonha poderia ser dividida em três análises, numa primeira seria um sentimento moral e na segunda um sentimento existencial. Enfim, a vergonha é um sentimento social que diz respeito à identidade do sujeito. É, sobretudo, um sentimento psicológico que tem efeitos de controle social. Essas formas de ver a vergonha não se opõem, pelo contrário, combinam-se. O sujeito é estimulado por todos os lados, porém tem sempre um estímulo interior que

está na avaliação de terceiros e em seu íntimo que reforçam ou invalidam certas condutas. A vergonha é fundamental porque nos faz cair na realidade de nossas vidas, ela nos faz trabalhar a autoestima. Em consequência, obriga os indivíduos a serem vigilantes, a lutar contra todas as formas de humilhação e degradação do homem. Ela nos confronta, nos fazendo perceber e aceitar nossa condição humana e opondo-se incondicionalmente a todos os que se recusam a considerar o outro como semelhante e digno de ser respeitado. Assim atua a vergonha nos fazendo cair na realidade, obrigando-nos sempre a sermos vigilantes, procurando enfrentar e lutando contra qualquer forma de degradação.

REFERÊNCIAS

ENRIQUEZ, E. Psicanálise e Ciências Sociais. *Ágora*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 153-174, jul./dez. 2005.

GAULEJAC, V. *La névrose de classe*. Paris: Hommes et Groupes, 1987.

Recebido em: 03 de maio de 2010

Aceito em: 22 de fevereiro de 2012